

CHARAUDEAU, Patrick. **A conquista da opinião pública**: como o discurso manipula as escolhas políticas. São Paulo: Contexto, 2016. 183 p. ISBN: 978-85-7244-960-1

Resenhado por André William Alves de Assis  
O discurso político e a manipulação da opinião pública: estratégias de conquista e de exercício do poder

ANDRÉ WILLIAM ALVES DE ASSIS<sup>1</sup>

Patrick Charaudeau é professor emérito da *Université Paris-Nord* (Paris XIII), onde fundou o *Centre d'Analyse du Discours*, reconhecido internacionalmente. Ao longo de sua trajetória como linguista, Charaudeau tem desenvolvido pesquisas de perspectiva interdisciplinar no campo da Análise do Discurso (AD), grande parte dedicada a estudos dos campos político e midiático. Especificamente sobre o campo político, Charaudeau apresenta uma trajetória interessante: publicou os livros *Le discours politique - les masques du pouvoir* (2008, traduzido no Brasil em 2006 com título *Discurso Político*, pela Contexto), *Entre populisme et peopolisme - comment Sarkozy a gagné* (2008a), *Petit Traité de politique à l'usage du citoyen* (2008b); e o artigo *Réflexions pour l'analyse du discours populiste* (2011), na revista *Mots*.

Em 2016, o livro *A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas*, completa a lista de trabalhos de Charaudeau em torno da temática e das problemáticas concernentes ao discurso político e à propagação desse discurso no espaço público. O livro em tela é uma versão da obra francesa *La conquête du pouvoir: opinion, persuasion, valeur. Les discours d'une nouvelle donne politique* (2013), traduzido por *Angela M. S. Corrêa*. Na versão brasileira, Charaudeau retoma grande parte das noções e problemáticas que tem discutido nos últimos anos em suas publicações sobre política, ampliando-as e especificando-as a partir de um novo e atual momento político, o que pode ser percebido pelos exemplos de diferentes países que o autor utiliza, incluindo nesse rol exemplos do Brasil.

---

<sup>1</sup> Pós-doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (UEL-CAPES/ PNPD). Integrante dos grupos FEsTA – Centro de Pesquisa Fórmulas e Estereótipos: Teoria e Análise (UNICAMP) e do NAD – Núcleo de Análise do Discurso (UFMG). E-mail: [assis.awa@gmail.com](mailto:assis.awa@gmail.com)

Na França, o livro foi publicado após as eleições de 2012, momento sócio-histórico que serve de ancoragem contextual ao autor em suas observações sobre os processos de conquistas do poder político (com vistas à vitória nas urnas), que são estratégias políticas e também midiáticas pela busca da conquista do poder e da opinião pública. A proposta do livro brasileiro é mais generalizante que a francesa (que apresenta análises específicas para o quadro francês eleitoral de 2012), e consiste em observar o exercício do poder político, descrever as estratégias de construção de opinião de persuasão e de valores que configuram, juntos, e com limites não muito claros, uma certa contemporaneidade de práticas políticas. No Brasil, o ano de lançamento do livro (2016) não deixa de ser simbólico, já que o país vive um momento de grande instabilidade democrática com o afastamento de uma presidente eleita pelo povo, lugar que é interinamente ocupado pelo vice-presidente. As instâncias política, midiática e cidadã, nesse contexto, produzem discursos antagônicos, polêmicos, que são muito profícuos a análises e a reflexões como as que são levantadas (e sugeridas) nesta obra de Patrick Charaudeau.

Para discutir as questões relacionadas aos sintomas ou efeitos (pretendidos ou não) do fazer político e seu pretense alcance social, especificamente em relação à manipulação da opinião pública, o livro de Charaudeau divide-se em uma introdução e mais três partes. Na introdução, Charaudeau especifica o fio condutor do livro: a observação do exercício do poder político. Esse exercício político, segundo o autor, é um fenômeno complexo e constantemente atravessado por: fatos políticos, relacionados a questão da legitimidade e da autoridade; fatos sociais, relacionado ao lugar e à relação estabelecida entre elites e povo; fatos jurídicos, que definem condutas e regras; fatos morais, que denotam um sistema de valores que visa o ideal de governança e o bem social.

Desse exercício, marcadamente heterogêneo, questões relacionadas à legitimidade, à autoridade, à potência e aos conflitos sociais são levantadas por Charaudeau para questionar o poder político que, em sociedades democráticas, antes de ser exercitado, deve ser conquistado. Essa conquista é sobretudo centrada na palavra, na fala política, meio de sedução e de persuasão que revela um constante diálogo/embate entre as instâncias política e cidadã. É nesse contexto de busca pela conquista de poder político, e todas as instâncias que estão envolvidas nesse processo, que permitem ao autor abordar a construção e do funcionamento da opinião pública, observando como a fala política, no exercício político, pretende manipulá-la.

A primeira parte do livro de Charaudeau dedica-se a situar o leitor sobre *O que é opinião pública*. Para Charaudeau, antes de compreender como se dá a construção da opinião, é preciso conhecer outro processo, o da construção de uma identidade coletiva. Evidentemente complexa, a construção identitária exige o gerenciamento de múltiplos pertencimentos que são, ao mesmo tempo, coletivos (familiares, regionais, de costumes, de valores, etc.) e individuais (a necessidade de singularidade dos sujeitos). Essa identidade coletiva se constrói a partir da percepção da diferença do outro e a partir do compartilhamento de opiniões, conhecimentos, valores, gostos, etc. A identidade é, portanto, uma identidade cultural, “um vínculo social, o espelho no qual os indivíduos se reconhecem como pertencentes ao um mesmo conjunto, a uma mesma entidade, e que norteia a conduta na vida em sociedade” (CHARAUDEAU, 2016, p. 27).

Essa identidade cultural costuma ser bastante frágil, fadada ao esquecimento, por isso existe a necessidade constante de os grupos defendê-la, reforçá-la. Como são muitos os grupos existentes socialmente, há entre eles um inevitável e constante atrito no espaço público. Por isso, alguns grupos se isolam, sentem-se ameaçados, criando certa resistência frente aos demais; outros, fortalecidos, dominam os demais grupos (à força ou em um movimento de integração), ou a eles se misturam, fundindo-se em um contrato de coexistência. Nesses processos, há diferentes crenças relacionadas à identidade coletiva, que são tratadas por Charaudeau como “opinião coletiva”.

Nesse sentido, a opinião coletiva é formada por diferentes crenças, que compõem um grupo, e está em constante construção no espaço público. Para Charaudeau, esse processo é social e acontece a partir de um triplo movimento: o de reação dos grupos sociais (indignação, revolta, incertezas, etc.), que envolvem certo número de pessoas, como as manifestações de ruas, de greve, etc., no geral insatisfeitas com alguma situação social, revoltadas com um governo, ou qualquer outro sentimento coletivo; o de atribuição dos atores políticos (efeito de espelho), que constitui um “corpo social falante”, (ilusoriamente) homogêneo, capaz de fazer os sujeitos se reconhecerem como pertencentes a um grupo, reconhecerem sua voz, partilharem seu eco; o de categorização pelas mídias, que colocam em circulação as palavras coletivas, dando-lhes uma aparência consensual. Para Charaudeau (2016, p. 44) “não existe uma opinião pública, mas várias opiniões públicas”, nesse sentido, a opinião pública é heterogênea porque se constitui de múltiplas opiniões coletivas.

Dessa discussão em torno de múltiplas opiniões públicas, Charaudeau chama a atenção para a confusão existente entre as noções de opinião e eleitorado, para ele uma não se resume a outra. Mesmo considerando a opinião de difícil definição, o autor a explica a partir da divisão do eleitorado em quatro categorias: “os convictos”, tipo de eleitor surdo e cego que, independentemente de fatos, acontecimentos, opiniões e críticas, votam sempre no mesmo representante do seu campo ideológico; “os eleições-para-os-bobos”, que consideram o voto uma falsa prática cidadã, manipulada pelas elites, e por isso se recusam a votar (embora nada garanta que em algum momento exerçam esse direito); “os flutuantes”, eleitores indecisos em relação às suas escolhas (alvo preferido das pesquisas eleitorais); e “os não contentes”, eleitores insatisfeitos com seus grupos que podem mudar de lado (grupo ou posicionamento) com certa facilidade. Mesmo sendo difícil condensar o eleitorado em uma única etiqueta, a mídia e a política tentam sempre agrupá-los, em busca deste obscuro objeto de desejo: o eleitorado popular.

A segunda parte do livro é a mais longa, nela Charaudeau trata especificamente da manipulação da opinião pública, dividindo a discussão em torno da manipulação no mundo da política e da manipulação no mundo da mídia. A manipulação no mundo da política é abordada por Charaudeau pelo viés da sedução. Inicialmente, o autor relaciona essa questão ao *ethos*, já que para seduzir o público é preciso construir uma imagem de si que represente (espelhe) o outro, o eleitorado. A noção de *ethos* é especificada a partir da fabricação de uma imagem de credibilidade e também do carisma do político (homem ou mulher). No domínio político, Charaudeau relaciona a credibilidade à legitimidade. Para Charaudeau, a legitimidade do ator político potencializa a sua credibilidade, mas sozinha não é suficiente para o exercício do poder. Ser legítimo não é ser credível, nessa linha de raciocínio.

Charaudeau considera que a credibilidade do ator político é condição para o exercício do poder: “[...] se o político perder sua credibilidade, perde sua legitimidade”. Essa credibilidade pode ser perdida, assim como o líder pode possuí-la sem jamais ter sido legitimado. Adquirida ou legitimada, a credibilidade deve ser permanentemente reativada no exercício legítimo do poder. Em épocas de eleições, de tentativa de conquista do poder, os atores políticos utilizam-se de estratégias de sedução e de persuasão para produzir imagens diversas de si, como as de caráter, de potência, de humanidade, de inteligência, de chefe, em uma busca constante de (manutenção da) credibilidade.

Em relação ao carisma, Charaudeau trata essa noção como uma questão relacionada ao *ethos*. Embora o carisma não fundamente a legitimidade, ele funciona como um *plus* na credibilidade do político. Não se trata, contudo, de criar uma imagem de carismático, mas de ser carismático: “O carisma vem do corpo por um processo de encarnação de uma energia, de uma densidade, de uma inspiração que o habita, de onde irradia algo de indefinível que atrai, que hipnotiza.” (CHARAUDEAU, 2016, p. 77). Essa “força”, natural, que emerge do ser carismático, apresenta-se em diferentes figuras no mundo político: o carisma messiânico, uma espécie de dom (não necessariamente de ordem divina, mas de uma força interior que habita o político), algo da ordem da inspiração, da vocação, que o investe; o carisma cesarista, que denota um *ethos* de potência e se manifesta de formas diversas como a virilidade (para os homens), a energia, a coragem, a ira, etc. A potência advém de ações e esforços físicos (mais ou menos violentos) ou de bravura, que investem o corpo do político, mostrando engajamento e força de espírito; o carisma enigmático, que dá ao político uma personalidade misteriosa; o carisma do sábio, que está além do jogo de busca pelo poder, embora se interesse por questões políticas e de bem social. Todas essas figuras carismáticas podem se acumular e se alternar em um mesmo político, assim como também o político pode perder seu(s) carisma(s).

Outras formas de manipulação no mundo da política ocorre pelo discurso de dramatização que, a partir de discursos de indignação e de compaixão, apelam para os sentimentos, na tentativa de seduzir o auditório, criando neles os mesmos efeitos; e também se manifesta pela exaltação dos valores, abordados por Charaudeau a partir da noção de líder populista (aquele que consegue um grande número de votos, seduzindo os eleitores, não sendo portanto uma ideologia, mas uma estratégia de captação de público), da figura do bode expiatório, e das contradições da política contemporânea.

A manipulação do mundo midiático, por sua vez, acontece, segundo Charaudeau, pela superdramatização da informação nos dias atuais, sobretudo pela constante estratégia de amálgama realizada pelas mídias para sintetizar, sobremaneira, a informação. Esse processo mostra uma tendência característica do mundo dos atores sociais (os famosos) que se estendeu aos políticos: a “peopolização”, busca pela credibilidade que perpassa uma superexposição pública de suas vidas cotidianas e privadas. Essa peopolização do ator político revela tanto um movimento de dessacralização do político, que se assemelha aos demais nas ações do dia a dia, quanto o movimento contrário, de ressacralização, ao dar humanidade a sua função (aparentemente mecânica).

A manipulação no mundo da mídia também se dá pelas pesquisas que pretendem medir a opinião pública que, embora se apresentem como definitivas, são bastante vagas e problemáticas, mas funcionam, estrategicamente, como um meio de captação de opinião. Especificamente sobre as pesquisas de captação de votos, Charaudeau (2016, p. 132) as considera “um espelho deformante da sociedade”, pois as amostras costumam ser demasiadamente amplas e revelam, no máximo, um recorte temporal muito específico e instável, porque nada garante que aquele “retrato” mude pouco depois dos resultados. Essas pesquisas são, para o autor, nada interessantes, servindo apenas para nutrir comentários e discussões nas mídias, além de alimentar a dramaturgia eleitoral.

Na última parte do livro, Charaudeau trata dos sintomas da crise política da pós-modernidade, iniciando a discussão a partir da questão da soberania em regimes democráticos, responsável pela fundação do poder e definidora das relações entre os que governam e de uma certa imagem da sociedade. Nesse esquema, o soberano aparece como “porta voz” de um sistema de crenças, ao qual ele deve aderir, buscando sempre modalidades de exercício de poder. Charaudeau observa que não existe democracia sem um contrapoder que advém da instância cidadã: “esse contrapoder passa, principalmente, pela emergência de uma opinião (coletiva) depois, eventualmente, por uma forma de ação de reivindicação” (CHARAUDEAU, 2016, p. 158).

As reações políticas ao contrapoder podem advir de uma imposição ou retificação de decisão, de uma negociação. Tais reações exigem que os políticos reconheçam as demandas sociais, sendo que as respostas a essas demandas dependem de que posição se encontra o político: se ele está em busca do poder, a palavra política será de promessas; no exercício do poder, a palavra política é performativa, espera-se que ela se transforme em ato. Responder à demanda social não é tarefa fácil, pois corre-se um duplo risco: o de ser tachado de demagogo, ao respondê-las, ou o de ser considerado autoritário, ao optar pelo silêncio perante o clamor social.

Essa discussão se relaciona com a questão da crise política pós-moderna, marcada pelo descrédito da prática política e/ou pelos excessivos e constantes atos que tentam controlar a credibilidade desses atores. Charaudeau considera que hoje não se pode mais considerar a instância cidadã como uma grande massa, conceito relegado ao período da sociedade industrial, pois essa “massa” atualmente é excessivamente heterogênea, além de consciente de sua existência, de seus direitos de reivindicar, e por isso exercem poder de pressão junto aos governantes, sobretudo amparados pelo aparato midiático.

Neste livro, o percurso compreendido por Charaudeau retoma questões em torno da vida política e do exercício poder político que, em sociedades democráticas, deve ser conquistado. A busca pelo poder parece revelar um constante controle da fala política, que é também controlado por coerções diversas (genéricas, posicionamento dos partidos, o adversário, etc.), que visa manipular e conquistar a opinião pública. Nesse percurso, a mídia parece ter papel fundamental, ao passo que funciona como meio de propagação, de amplificação, e de controle do alcance dessas falas. Esse percurso é, evidentemente, afetado por diferentes posicionamentos. O livro de Charaudeau, nesse sentido, nos permite refletir sobre os limites do poder político, o papel da mídia nesse processo, o lugar e o papel do cidadão.

Enfim, as problemáticas levantadas por Charaudeau são atuais e podem facilmente ser aproximadas ao contexto político brasileiro, ou mesmo mundial. Pela abrangência e atualidade, a publicação interessa aos estudiosos do discurso, da política e das mídias, que têm nesse livro um material crítico e instigador sobre o fazer político contemporâneo e suas estratégias de conquista e manutenção do poder. É um material que interessa também aos leitores em geral, que queiram compreender e questionar os processos de manipulação e persuasão inerentes ao fazer político.

---

## REFERÊNCIAS

- CHARAUDEAU, Patrick. (2006). *Discurso político*. São Paulo: Contexto.
- CHARAUDEAU, Patrick. (2008a). Entre populisme et peopolisme. Comment Sarkozy a gagné. Paris: Vuibert.
- CHARAUDEAU, Patrick. (2008b). *Petit Traité de politique à l'usage du citoyen*. Paris: Vuibert.
- CHARAUDEAU, Patrick. (nov. 2011). Réflexions pour l'analyse du discours populiste. *Mots*. Les langages du politique n. 97, p. 101-116, nov. Disponível em: <<http://mots.revues.org/20534>>. Acesso em: 20 jun. 2016.
- CHARAUDEAU, Patrick. (2013). *La conquête du pouvoir*. Opinion, Persuasion, Valeurs, les discours d'une nouvelle donne politique. Paris: L'Harmattan.
- CHARAUDEAU, Patrick. (2016). *A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas*. São Paulo: Contexto.